

BRAIT, Beth (org.). *O Sertão e os Sertões*. São Paulo, Arte & Ciência, 1998, 124 p.

Níobe Abreu Peixoto Silva *

Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa são o motivo dos cinco ensaios reunidos por Beth Brait e publicados pela Editora Arte & Ciência. Resultado do projeto *O sertão e os sertões*, patrocinado pela LINC, o livro é parte das comemorações que envolvem o Centenário da Guerra de Canudos, episódio histórico que teve a participação do fluminense Euclides da Cunha como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* e cujas anotações, de então, serviram-lhe de referência para a obra *Os sertões*. A esse evento se juntam as homenagens em torno dos trinta anos de publicação de *Tutaméia (Terceiras estórias)*, de João Guimarães Rosa e, também, de sua morte.

O sertão se instala nas páginas assinadas por João Roberto Faria, Valentim Facioli, Roberto Ventura, Flávio Wolf Aguiar e Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. Sob ângulos diversos, guiados por diferentes pontos de vista, adentramos por alguns sertões. Afinal, como quer João Guimarães Rosa, “o sertão está em toda parte” e como esclarece Euclides da Cunha, “o sertão é homizio”. Os dois escritores brasileiros são recolocados em suas particularidades estilísticas e nos aspectos fundamentais de suas obras. E, sempre, na dimensão de um trabalho que ultrapassa as fronteiras do regional e se instala na universalidade das reflexões e dos sentimentos humanos. São várias as lentes utilizadas e, portanto, várias as aproximações. Mais juntos ou mais distantes dos ensaios assinados por profissionais respeitados em sua área de atuação, sem dúvida alguma, temos a nossa percepção ativada por comparações e afirmações emba-

* Pós-graduanda. Universidade de São Paulo – USP.

sadas na citação de expressões, frases e trechos das obras de Euclides e Guimarães Rosa.

O primeiro ensaio, “Os sertões: um livro vingador”, de João Roberto Faria, cumpre o seu objetivo de ser uma apresentação do homem, da obra e do escritor aos leitores ainda não familiarizados com o livro, que tem a primeira edição datada de 1902. A partir da apreciação crítica de José Veríssimo que, por ocasião do lançamento da obra, saudou o “homem de ciência, o homem de pensamento, o homem de sentimento e o artista que sabe ver e descrever”, o professor passa pelos anos de formação de Euclides da Cunha, sua opção pela República, seu descontentamento com a carreira militar e com a militância política e a sua atuação como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, em Canudos. Mais um passo e o crítico sinaliza para as teorias responsáveis pela definição da estrutura da obra: o determinismo de Taine e Buckle e as teorias evolucionistas de Spencer e Darwin. Quando trata da primeira parte de *Os sertões* – a terra – ao mesmo tempo em que reconhece a existência, para o leitor, de alguma possível dificuldade advinda da *prosa científica*, resultado da descrição exaustiva do meio físico em seus vários aspectos, chama nossa atenção para determinadas passagens em que a sensibilidade do artista se sobrepõe à objetividade do conhecimento científico. O trecho escolhido para exemplificar a afirmação realça a qualidade literária do texto euclidiano e ainda faz uma ponte com outro nome da nossa literatura: Augusto de Campos. É-nos apresentado “o artista capaz de transformar o espetáculo da natureza em espetáculo da linguagem”. Quando focaliza a segunda parte – O Homem – João Roberto reconhece nela um dos objetivos das notas preliminares do livro. Ou seja, a tentativa de esboço dos traços mais expressivos das “sub-raças sertanejas do Brasil”. Aqui, ele observa o determinismo responsável pelo posicionamento do escritor e sua *teoria do isolamento*, mas, de um certo modo, procura desculpá-lo. O erro cometido [junto] (sempre com a ciência da época) pode ser absolvido pelo reconhecimento “do mais belo e inquietante retrato do homem nordestino em língua portuguesa”. No tópi-

co *Um livro vingador*, o escritor é apresentado pelo ângulo do historiador que, na descrição minuciosa da luta entre os brasileiros do sertão e os do litoral, tem por base documentos, depoimentos, matérias jornalísticas e livros. Mais do que isso, no entanto, o ensaísta chama a atenção para o *fôlego épico* de Euclides e para o segundo objetivo do livro, que além de historiar a campanha de Canudos, pretende fazer uma denúncia do massacre. O ensaio é muito claro nas suas propostas e no desenvolvimento delas. Enriquecido por citações pertinentes, fornece dados suficientes para uma primeira aproximação entre o leitor provável e *Os sertões*.

Valentim Facioli em “Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio)” começa por questionar a importância dada por Euclides da Cunha à luta travada no sertão da Bahia, não pelas consequências trágicas do episódio, mas pela teoria *poligenista* abraçada pelo escritor e que deveria ser base da explicação e interpretação de Canudos. O crítico aponta os descaminhos de uma teoria de *pouca ou nenhuma consistência* e de uma incoerência entre o determinismo da ação das leis universais e o reconhecimento da existência de um *crime*, por parte do escritor. Na sua opinião, haveria um descompasso entre “universalidade de leis (ou fatalismo) e ética (ou moral...)”, a sugerir que a Guerra de Canudos, como episódio do processo histórico universal, teria sido interpretada como um momento excepcional na vida do povo brasileiro. Essa excepcionalidade teria sido *mimetizada* na construção do livro. O caráter grandioso e monumental de *Os sertões* seria estratégia construtiva a provocar um impacto tão forte quanto o episódio histórico nele retratado. Valentim Facioli afirma textualmente que o livro é construído com o propósito de ser difícil e, como tal, exige um leitor intelectualmente à sua altura. Estaríamos, portanto, frente a uma poética elitista e de base autoritária. Por outro lado, ele identifica na estratégia de Euclides um efeito da modernidade, a que denomina *poética de guerra*. O escritor *não* “espera passividade do leitor, senão seu compromisso de combate e choque com a obra e suas idéias, tantos quantos são os choques e os combates ali narrados e interpretados”.

Ele fala, ainda, de uma *pedagogia da comoção e da persuasão*, espécie de consórcio de ciência e arte, capaz de educar as elites na direção do progresso e, dessa maneira, tornar possível a existência de um povo com história. Em seguida, o crítico expõe o pensamento de Euclides da Cunha a respeito da relação entre a ciência e a arte. Cita trechos de uma carta a José Veríssimo, de 1902 e artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* (1892), em que o escritor fluminense reafirma a sua crença na arte como prova de superioridade afetiva e mental de um povo e no consórcio ciência e arte, como o único caminho a impedir o “desastroso predomínio do subjetivismo”. A sua concepção estética reúne o artista e o cientista na construção do futuro humano, o que parece ser conseqüência, para Valentim, do meio intelectual, social e da geração a que o escritor pertence. São ainda examinados os textos: “A vida das estátuas”, incluso em *Contrastes e confrontos* (1907); “Antes dos versos”, prefácio para o livro de poemas de Vicente de Carvalho (1907) e “Castro Alves e seu tempo”, conferência pronunciada na Faculdade de Direito de São Paulo, também de 1907. Colocada a teoria, são observados os aspectos duvidosos da concepção estético-científica de Euclides, em especial a colocação do artista como gênio, ou seja, como aquele que expressa a alma do povo, além de ser síntese da raça. O crítico atribui um fracasso relativo à pretensão do escritor em realizar o chamado consórcio de ciência e arte e justifica tal posição com o reconhecimento, em *Os sertões*, de um caráter de *marginalidade*. Caráter esse advindo de uma não aceitação do livro por parte das ciências humanas e das ciências naturais. Só a historiografia literária tende a acolhê-lo como marco de certas idéias e certas tendências (o dito pré-modernismo) e ainda assim fazendo-lhe ressalvas diversas. Ao mesmo tempo em que afirma e, na afirmação, entrevemos a crítica ao *autor de um livro só*, reconhece entre os acertos e desacertos do livro a vitória do escritor em ter alcançado a meta proposta de grandiosidade e excepcionalidade a que se propôs. Afinal, graças à obra, o episódio de Canudos teria alcançado uma dimensão nacional, internacional e, mesmo, supratemporal. Ambos, obra e episódio histórico, teriam se

tornado para o país algo “monstruoso, paradoxal e quimérico”. Características essas estendidas, por Valentim, ao próprio país em seus antagonismos não resolvidos.

Roberto Ventura, no ensaio “Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha”, reconhece no interesse do intelectual e na fascinação imposta ao homem Euclides da Cunha pela natureza, uma de suas características mais marcantes. O texto traz uma abordagem interessante, na medida em que estabelece paralelos entre *Os sertões* e os ensaios amazônicos redigidos pelo escritor, enquanto chefe da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus (*Contrastes e confrontos*, 1907; *À margem da história*, 1909). A face menos conhecida do autor de *Os sertões* nos é apresentada através de citações retiradas de cartas, de artigos de jornal e revista, dos dois textos acima citados e de comentários críticos. Em Euclides, o sertão baiano e a selva amazônica aparecem como paisagem fantástica, paralisadora, responsável por um alumbramento do observador. No entanto, quando fala das duas regiões, ele adota o ponto de vista do viajante que procura explicar a paisagem através da expressão artística ou científica, conforme nos mostra Roberto Ventura. O crítico recolhe, ainda, dos escritos sobre Canudos e o Purus, a imagem do deserto. Selva e sertão são vistos como tal “por seu isolamento geográfico e povoamento rarefeito, e sobretudo por serem territórios ainda não explorados pela ciência, que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluía[m] de seus mapas”. A região longe da costa e do mar, o sertão, seria para o escritor tudo o que estivesse longe do espaço da história e da civilização. Um outro elemento observado nos dois momentos enfocados pelo texto é a existência de um mesmo personagem, o sertanejo, um “expatriado dentro da própria pátria”, e a denúncia que a sua existência possibilita. Traçados os paralelos, em outro movimento, o texto distingue os sertões baianos e os sertões amazônicos. No primeiro caso, comenta os artigos sobre Canudos escritos para o jornal *O Estado de S. Paulo* e distingue em *Os sertões* os fatores determinantes da história de um povo, conforme a teoria de Taine. No segundo, reflete sobre

a estadia do escritor em Manaus, em 1905, às voltas com os preparativos da viagem ao Purus e sobre os resultados práticos dessa viagem. Ressalta a atuação do geógrafo que teve o seu trabalho consultado pelo Barão do Rio Branco, na ocasião em que se resolveram as questões de fronteira entre o Brasil e o Peru, em 1909. Para terminar, Roberto Ventura retoma a figura do *narrador-viajante* e sua necessidade de integrar o sertão à escrita e à história. *Fora da escrita e da história, não há salvação: só existe o deserto.*

Em “Oco do mundo”, ensaio sobre *Grande sertão: veredas*, o romance de João Guimarães Rosa é lido pela fresta do diálogo entre Riobaldo, personagem que também é o narrador, e seu interlocutor, que busca uma história. Já nos primeiros parágrafos, Flávio W. Aguiar distingue a estratégia do narrador em estabelecer uma empatia entre ele e o “doutor”, um “homem de idéia firme, de idéias instruídas”, com a finalidade de ver confirmada a inexistência da figura do diabo. A intenção de Riobaldo apontada pelo ensaísta aproxima-nos do momento em que a personagem faz o pacto com o demônio, acontecimento que centraliza os demais fatos do romance. É observado que o ritmo da narrativa é imposto pelo protagonista, já que se estabelece, a partir do diálogo inicial, um tipo de diálogo interior. O ensaio é trabalhado com quatro processos de construção dos significados, conforme nos adverte o próprio autor em nota de pé-de-página: transferência, condensação, deslocamento e formação. A transferência está presente no diálogo com o interlocutor, quando Riobaldo transfere para o ‘senhor-moço doutor’ valores como a instrução e a escolaridade, associados a um desejo de futuro. A integração do passado no presente, em direção a um futuro que tudo resgate, é simbolizada formalmente na própria narração: o falar de Riobaldo vai do cronologicamente desordenado ao linear. A condensação é sentida no desenho de Diadorim, personagem reconstruída enquanto metáfora, já que aparece sob uma multiplicidade de imagens. O deslocamento é encontrado em Riobaldo, quando ele desloca Diadorim para “um ponto cego de sua própria maneira de ser”. Ele não consegue distinguir o masculino e o feminino em seu mundo interior. Não

o distingue também em Diadorim e deforma a imagem da mulher, que se manifesta no masculino. O procedimento implícito na narrativa de Riobaldo, na visão do crítico, além de evocar o mundo do sertão, evoca o processo vivido pelo personagem e indaga sobre a relação entre o ser homem em paragens tão hostis e não perder o mundo dos sentimentos. “Neste sentido a narração evoca a construção e o reconhecimento de uma identidade, e sua reafirmação”. O ensaio ainda estabelece relações entre a identificação de Riobaldo e o número sete, associado à morte de sua mãe e à sua partida para conhecer o mundo do pai Selorico Mendes; entre as várias faces das imagens femininas que o personagem dispõe na narrativa e o grau de importância que elas adquirem na sua vida; entre o mundo dos homens e a busca da imagem de um perfil paterno. Termina observando a aceitação da poesia do mundo por Riobaldo, que reencontra a sua própria identidade, quando é desvendado o mistério de Diadorim. O epílogo desse belo ensaio de Flávio Aguiar reconhece em *Grande sertão: veredas* um tema central da literatura brasileira: a constituição da família e suas implicações no desenvolvimento do indivíduo.

Depois de caminhar até aqui pelas diversas trilhas propostas por *O sertão e os sertões*, chegamos à última delas, em que a pluralidade do título nos prepara para muitas outras, inclusive para a que nos desenha Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos nesse ensaio. “Outras trilhas”, versão resumida do livro *Puras Misturas. Estórias em Guimarães Rosa*, retoma os diários da viagem tardia do escritor pelo interior de Minas, para deles distinguir a figura de Manoelzão, inspiração do conto “Uma estória de amor”. A autora identifica e expõe a natureza da narrativa do escritor mineiro sempre guiada pela oralidade dos velhos contadores de história e pela erudição do homem viajado e culto. O conto, na verdade, torna-se um exemplo para que a ensaísta mostre como a tradição oral é incorporada na linguagem literária e o procedimento característico do autor: a intervenção de narrativas no corpo do texto, que reatualizadas ajudam na construção do significado daquilo que é narrado em primeira mão. Quando res-

salta o *bricoleur* em Guimarães Rosa, Sandra Vasconcelos adentra pela esfera mítica das formas simples. As histórias narradas por Joana Xaviel e pelo velho Camilo “se constituem em ocasiões em que a narrativa desentranha de dentro de si outras narrativas, espelhando-se nelas e fazendo da palavra do mito o momento que sagra o espaço da festa como espaço ritual”. O imaginário resgatado pelos contadores de história fala do mundo da experiência que, em determinado momento, mistura o coletivo e o individual. Nesse procedimento é identificado o narrador de Walter Benjamin pela ensaísta. Do espaço mítico vem a luz que ilumina os caminhos reais e o destino de Manuelzão. Distingue, ainda, na narrativa, um *movimento de sanfona ou de fole*, que resulta do jogo entre uma abertura para o exterior – a festa – e o fechamento para a interioridade do personagem. Essa postura se reflete no foco narrativo, em que o olhar do narrador se amplia ou se estreita. Na leitura, a autora percebe na festa organizada pelo protagonista o espaço privilegiado do texto, porque é nela que ele se arma. Entre os acontecimentos exteriores e os que se passam na interioridade de Manuelzão, é dada uma atenção especial ao episódio do riacho seco, *imagem-matriz*, origem do próprio conto. O ensaio envereda pelo processo da construção das imagens, reconhecido na articulação que Guimarães Rosa faz entre o real e o simbólico. Portanto, processo responsável pela transformação do sertão em algo mágico.

De certa forma, o texto de Sandra Vasconcelos ata os dois fios da meada desenrolada por Beth Brait neste *O sertão e os sertões*, quando ela vincula o nome de Guimarães Rosa a outros autores brasileiros que transformaram o espaço do sertão em paisagem literária. “De *O sertanejo* (1875), de José de Alencar, a *Grande sertão: veredas* (1956), o percurso foi longo”, ela observa. E anota entre os nomes de alguns dos nossos escritores, como não poderia deixar de acontecer, o nome do autor de *Os sertões*.

Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, dois escritores tão diferentes em sua concepção de mundo, encontraram na paisagem específica do sertão a folha branca a ser preenchida. Nós leitores desses ensaios, com

certeza, estamos agora muito mais bem equipados e motivados em fazer a travessia. Travessia que exige razão e coração, se quisermos alcançar e traduzir espaços não totalmente decifráveis. Já não se disse que “Sertão é quando menos se espera?”